

## TRISTÃO DE ATHAYDE E A LITERATURA NO RIO GRANDE DO SUL

Elvo Clemente

Pontifícia Universidade Católica do RS

Na copiosa obra crítica de Tristão de Athayde de 1919 até 1983, englobando 64 anos de trabalho, com numerosos livros e inúmeros e permanentes artigos em jornais e revistas, há um lugar especial para os homens de letras do Rio Grande do Sul. Não direi lugar privilegiado, mas um lugar bem definido e destacado.

Neste esforço crítico-histórico e literário abordaremos os aspectos:

- 1 – Carlos Dante de Moraes apresenta Tristão de Athayde
- 2 – Tristão de Athayde e o homem do Sul
- 3 – Tristão de Athayde e os escritores do séc. XIX
- 4 – Tristão de Athayde e os escritores do séc. XX
- 5 – Conclusão

### 1. CARLOS DANTE DE MORAES E TRISTÃO DE ATHAYDE

Em seu estudo "algumas reflexões à margem de um itinerário", no livro *Tristão de Athayde e outros estudos*, o notável ensaísta e crítico literário Carlos Dante de Moraes, recentemente falecido, apresenta-nos um estudo sobre Tristão de Athayde datado de 1937.

No início do livro, faz algumas considerações sobre o comportamento de Tristão de Athayde ao escrever sobre a pessoa e a obra de Afonso Arinos sob o título "A crítica de Hoje" (prefácio a *Afonso Arinos*, Rio, Anuário do Brasil, 1922). Não é aí que se vê o verdadeiro crítico, o verdadeiro escritor, pois "Se, em última análise, o *Afonso Arinos* é estudo perfeito, também não exclui a frieza, nem a monotonia, pois encobre uma insatisfação intelectual

que bem pode passar despercebida" (Carlos Dante de Moraes, 1937, p. 8).

#### A situação do após-guerra 14

despertara nos inovadores o gosto nativo e sumarento da realidade. Ansiavam por viver das coisas nuas e ásperas e queriam esquadriñar, novos bandeirantes, todos os recantos da terra e da ração...

Neste passo é que surge o verdadeiro Tristão de Athayde. Ele é, por esse tempo, a inteligência crítica atenta a todos os quadrantes e cada momento suscitada e estimulada. Sob a aparência de um puro cerebral, estua-lhe um potencial afetivo que pode levar até a paixão e o deslumbramento. (Carlos Dante de Moraes, 1937, p. 11-2).

Em algumas palavras de um curto parágrafo temos a imagem do crítico, orientador do modernismo brasileiro:

Voltado para o mundo exterior, se conserva sempre, desde a primeira hora, refratário aos contágios fáceis. Em face de si mesmo, sem ser propriamente introspectivo. Em face do universo, sem desprezar a atenção da nacionalidade (p. 12).

Alguns tópicos da personalidade do crítico vêm assim descritos:

O pensamento de Tristão de Athayde segue direção muito diversa, (dos inovadores e dos reformadores modernistas) ainda mesmo nas duas primeiras séries dos Estudos, onde o crítico atinge a sua plenitude. Nem de leve conhece a sensualidade de um Ortega y Gasset, aquela que, ao mirar e remirar as idéias vai descobrindo gozosa-mente as suas perspectivas. Tudo nele tende a se explicitar, a se definir imediatamente. O crítico e o ensaísta já preludivam o homem de ação (p. 20).

Outra de suas características é fazer ressaltar a cada passo a riqueza de aspectos do objeto estudado, por ele abrangida numa visão mental rápida e funda. Tão preocupado das coisas que perduram quanto é atento à obra que passa. Eis por que, no movimento modernista entre nós, sua grandeza de visão podia perceber, na corrente, as mudanças secretas e vagas da direção, sem o recuo do tempo e a perspectiva da distância (p. 21-2).

O surto renovador da Semana de Arte Moderna de 1922 não houve maior aprofundamento dos valores e metafísicos da nacionalidade e do povo, dentro da tradição religiosa. Ficava-se, apenas no sensorial, nos aspectos raciais...

Uns reafirmaram o primado do homem branco. Outros aconselhavam e entoar à mãe preta a canção votiva... Terceiros refrescavam o indianismo, depois de soprar a grossa poeira dos anais românticos...

Também a linguagem popular se recorria em busca desse selo inconfundível que se devia estampar em todas as nossas criações (p. 42-3).

Tristão de Athayde não cansou em suas numerosas advertências e críticas aos novos artistas para que voltassem às fontes da tradição que se transportassem da superfície sensorial a um plano supra-realista, reincorporando o mistério na sua materialidade agreste ou civilizada. E, como Alceu Amoroso Lima, escrevia textualmente em Estudos (2ª série, p. 331-32):

Ora não é possível traduzir esse sentido dramático da existência brasileira numa arte apenas de luzes, cores, tons gritantes, sonoridades, onomatopéias, roupagens lindas. Porque a nossa arte deve ser um ato de compreensão e de expressão que leve consigo um pouco de sangue. Pois, quando tudo nos fala a linguagem dos sentidos, já é um pouco de sangue, sem dúvida, voltar ao espírito. Quanto mais subir ao Espírito...

Tristão de Athayde preocupava-se desde logo em sua crítica pela preservação dos valores da nacionalidade, da consciência moral de nosso povo. Temia a influência da americanização como um dos "declives quase irremediáveis da nossa lenta despersonalização coletiva..." Isso era escrito e repercutia nas consciências nos idos de 1920... Apesar de tudo o Brasil será sempre, no dizer de Luc Durtain, um celeiro de almas!

No dia 15/8/1928 Alceu Amoroso Lima reencontrava a plenitude da Verdade e então escreve em Tentativa de itinerário:

Optando pela Verdade eu bem sei que arranco de mim mesmo as últimas veleidades de influir sobre a "nossa geração e o nosso momento" que só amam a ilusão. Sei que me coloco ao menos na estrutura fundamental de minhas convicções, em oposição ao espírito do tempo, à inclinação invencível do momento e mesmo a tudo aquilo que, no fundo de nossas almas, se inclina a aceitar tudo isso, com o carinho e a saudade dos estados de espírito longamente cultivados... (p. 50-1).

É interessante reler aquelas palavras que Tristão de Athayde escrevia, há 61 anos, no prefácio a Problema da burguesia, 1932:

No dia em que vi que a Verdade existia e que o grande mal da nossa geração tinha sido não crer na sua existência nesse dia perdi também a obsessão de escrever perfeito e dominando integralmente os temas. Sentí que era mais urgente dizer algumas coisas imperfeitas, mas necessárias — para um país em que há mais de meio século medram todas as ideologias destruidoras de civilização cristã que ainda nos resta — do que silenciar, por uma modéstia que as necessidades do momento trágico que vivemos transformaríamos em traição (p. 58).

Alceu Amoroso Lima foi o lutador denodado a serviço da Verdade, dando uma demonstração segura de seu itinerário VIVIDO ardentemente do individualismo a Fé — continua Carlos Dante de Moraes. A inquietação de quem não se satisfaz com as verdades parciais. A necessidade de afirmar, de empenhar o ser inteiro, de harmonizar o mundo das coisas tangíveis com o da metafísica a atividade prática com a finalidade espiritual (op. cit., p.60).

Aí está a visão que nos deixou o saudoso crítico rio-grandense em 1937.

Terminarei esta primeira parte citando alguns parágrafos da homilia de Dom Marcos Barbosa, O.S.B., pronunciada por ocasião da missa de 15 de agosto, despedida de Alceu Amoroso Lima:

Também Tristão de Athayde traz nos braços, velho Simeão,  
o menino Alceu,  
Como os baixos relevos das catedrais góticas,  
Onde Maria, morta ou adormecida, oferece a Deus uma miniatura  
de si mesma.  
O menino outrora triste, que começou a devorar a Esfinge  
Ao receber pela segunda vez o Corpo de Cristo na festa da  
Assunção da Virgem,  
Na Capela de Nossa Senhora das Vitórias,  
Se oferece e é oferecido por nós.  
Chegou para ele o momento de entrar num Templo não feito  
pela mão dos homens;  
Mas na Casa Azul que o Apocalipse em vão procura descrever:  
É a terceira grande Comunhão de sua Vida agora eterna.  
Alceu disse adeus em artigos a muitos que ele chamou  
Companheiros de Viagem,  
Seis dos quais nascidos no mesmo ano que ele.  
Hoje nós que ficamos no vale de lágrimas, e que nos despedimos  
dela,  
Dizendo-lhe, no seu sentido mais forte, o adeus em duas palavras:  
A Deus!  
E dizemos ao menino que encontrou o segredo da felicidade:  
Ao céu, Alceu! (Revista Eclesiástica Brasileira, vol. 43, fasc. 171,  
setembro de 1983, p. 467-58).

## 2. TRISTÃO DE ATHAYDE E O HOMEM DO SUL

Na introdução à Literatura brasileira, Tristão de Athayde dedica belas páginas ao estudo do espaço em que se desenvolve a Literatura no Brasil. Sentia em si as coordenadas de Taine, sem ser manietado por elas. Sentia-lhes a influência sem pagar-lhes tributo

mais pesado. Sabia ser livre, consciente e decidido em suas posições de crítico e de historiador da Literatura no Brasil.

Fazia três oposições muito interessantes para a sociologia da literatura, nas diferenciações espaciais internas:

- 1 — Norte - Sul
- 2 — Litoral - Sertão
- 3 — Cidade - Campo

Cada uma dessas diferenciações admite uma situação intermediária, como seja o Centro, entre o litoral e o sertão; o Povoado, entre a cidade e o campo.

Para o nosso estudo ficaremos mais voltados ao homem do Sul, em sua psicologia, em suas atitudes sócio-políticas e a repercussão na vida literária.

A configuração do quadro é simples e incisiva:

O sulista, ao contrário do seu patricio do Norte, é reservado e sóbrio de palavras. Não gosta de confiar seu coração a ninguém. Fecha-se em si mesmo. Retrai-se em face da expansividade nortista. E a sua frieza, ao menos aparente, transtorna o ardor do homem do Norte. Seria curioso fazer este contraste de psicologia por uma nota pitoresca: a dos "portões".

A análise psicológica do sulista ainda nele revela o homem que faz preponderar a razão sobre o coração, a vontade sobre os nervos, a ação ponderada sobre a agitação. É do Sul que vem o espírito de plano e de construção para a nacionalidade.

Numa síntese bem elaborada e lúcida dá a visão dos pontos de vista moral e religioso; ainda mais eloquente, seria a lição dos fatos. Cristão nasceu o Brasil. Cristão educou-se. Cristão cresceu. E os erros de sua formação ou de sua alma derivaram, sempre, do esquecimento momentâneo desse fato fundamental da sua história, sem o qual se torna inteligível o estudo e a compreensão da psicologia brasileira, pois todos os traços que hoje encontramos na psicossíntese do povo brasileiro são derivados preliminarmente de sua formação religiosa.

A análise do povo brasileiro vai longe e é de grande importância para a compreensão da vida literária do País. Perscrutar a alma brasileira, sondar-lhe os anseios e as inquietações, eis o papel do verdadeiro artista, do profundo escritor que deseja, realmente, ser intérprete, pela arte, da alma humana.

E Tristão de Athayde reafirma os ideais de sua crítica e de sua visão da literatura:

Há uma crítica perene como há uma filosofia perene, que está fora e acima das flutuações metodológicas. E se os bons críticos superaram até certo ponto os maus métodos, os bons métodos não corrigirão os maus críticos. Pois a crítica literária nem é pura ciência, como a filologia, a estilística, a história da literatura, etc. (Introdução à literatura brasileira, p. 553).

Muito bem ponderada é essa última observação do grande crítico. Em nossos dias muita tinta se derramou e se derrama na luta pela hegemonia dos métodos, quando o essencial é a boa formação do crítico, da atenção e da profundidade e acuidade do leitor maior, que é o crítico.

Tristão de Athayde esteve sempre de olhos abertos sobre todo o Brasil literário, ora dando mais espaço ao Norte, ora ao Sul, ou, ainda, mais ao Centro, com Minas, São Paulo e Rio de Janeiro. Sempre, porém, interessando-se por toda e qualquer manifestação de arte literária nos mais diversos rincões da Pátria.

### 3. TRISTÃO DE ATHAYDE E OS ESCRITORES DO RIO GRANDE DO SÉC. XIX

Tristão de Athayde estreou na crítica literária nas páginas de *O Jornal*, em 1919, e encerrou sua contribuição à crítica literário-sócio-político e cultural poucas semanas antes de falecer, somando, ao todo, 64 anos de intensa atividade de escritor, de jornalista, de orientador das mentes do Brasil.

O primeiro livro de crítica surgiu em 1922 sobre a vida e a obra de Afonso Arinos. Apesar de ter sido um fruto de juventude, já é considerado sazonado e sussarento. Se olharmos o esquema do referido livro veremos: 1ª parte: A vida, a alma e a obra; 2ª parte: O sertanismo, onde estuda as raízes dessa tendência nas diversas províncias do Império, desde as eras mais remotas até ao ano de 1900. Aí é que encontramos estudos e belas referências aos escritores românticos sul-rio-grandenses, nas raízes do sertanismo.

O oitavo capítulo, no fim da 2ª parte, há um destaque importante: *Caráter e influência de sua obra*. Vemos aí como Tristão de Athayde naquela época, 62 anos atrás, já se preocupava com a estética da recepção ou da repercussão da obra entre o público leitor.

Na introdução deste capítulo está a verdadeira diretriz do jovem crítico. Para se conhecer uma obra literária é mister estudá-la e compreendê-la em uma individualidade característica, distinguindo-lhe os dois elementos essenciais — a determinação histórica e a criação estética. Toda obra que apresente qualquer valor literário, sem deixar de ser pessoal, adquire uma objetividade própria transcendente que a coloca no seu meio literário, com vida sua e naturalmente integrada na corrente de outras obras análogas em espírito ou expressão (p. 612).

Vemos, assim, como o crítico sabe dar toda a dimensão da obra em seu contexto histórico, social e literário.

Chama a atenção para figuras marcantes do sertanismo no Sul do País, contemplando o esforço importante de Caldre e Fião, Bernardo Taveira e, sobretudo, de Apolinário Porto Alegre, Lobo da Costa e outros.

1 — Caldre e Fião — Assim escreve Tristão de Athayde: "Não podia o Rio Grande do Sul ter ficado estranho a esse movimento geral de nacionalização literária. Graças à constituição particular de sua gente, às suas origens históricas e ao aspecto peculiar que aí revestia a natureza, conservou sempre a grande província do extremo sul um caráter marcado de independência que até hoje a distingue entre todas as unidades de nossa federação. É possível mesmo que, literariamente, fosse a primeira a inspirar o gérmen inicial do regionalismo em nossas letras, se fosse lícito incluir a vaga novela 'rio-grandense' do Dr. Caldre e Fião — *A divina pastora*, de 1847" (Alceu A. Lima, 1966, p. 607-8).

2 — Apolinário Porto Alegre é, talvez, a figura mais importante, mais polarizadora do movimento romântico e do Partenos Literário. Tristão de Athayde assim descreve a atuação de Apolinário: "Com ele (Caldre e Fião), outro poeta e prosador, inspirado também no meio local, Apolinário Porto Alegre, um dos fundadores do Partenos Literário, de cuja atividade voltada, em geral, para o regionalismo nascente, de que foi um precursor, nos ficaram algumas páginas, dignas de menção, como os contos gaúchos *Paisagens*, de 1875, onde criou o tipo de Sancho Escafuza, o 'monarca das coxilhas' o romance *O vaqueano*, 1872 ou a lenda *O crioulo do pastoreio*, 1875, uma de nossas escassas obras literárias da

escravidão, todas elas, repassadas de certo perfume rústico e de amor pelo torrão natal" (Idem, p. 608).

3 — **Bernardo Taveira** é apresentado pelo crítico como um dos desencadeadores da literatura romântica, regionalista: "Em um deles, Bernardo Taveira, vimos refletida a evolução do elemento nacional crescente em nossa literatura, intitulado-se em 1869 de *Americanas*, o seu primeiro volume de versos quase todos indianistas e de *Provincianas* as poesias que vinte anos depois vieram a lume, de caráter mais acentuadamente local e espontâneo" (Ibidem, p. 608).

4 — **Lobo da Costa**: "A outros poetas menores ia inspirar esse 'provincialismo' que desde então distinguiu essa opulenta região de nosso território e, Lobo da Costa, com as *Auras do sul*. Bernardino dos Santos também autor do romance regional *Serões do tropeiro*, com as *Flores de maio* e outros, cantaram superficialmente a paisagem rio-grandense e os costumes do pampa" (p. 608).

Para encerrar a visão do séc. XIX apresentamos o Comendador Coruja na busca das formas dialetais da língua portuguesa e Karl Von Koseritz, que mereceu o seguinte destaque: "Já vimos, em 1852, foi pelo vocabulário rio-grandense que começaram entre nós os estudos das transformações dialectais do idioma, e a riqueza e peculiaridade notáveis de seu folclore foram divulgadas por Von Koseritz" (p.608).

#### 4. TRISTÃO DE ATHAYDE E OS ESCRITORES DO SÉC. XX

Existe um homem do Sul que está sempre muito próximo a Alceu Amoroso Lima. Trata-se do notável sacerdote jesuíta Leonel Franca, que motivou as atitudes religiosas do eminente escritor. A renovação do cristianismo no Brasil muito deve ao ilustre homem de Deus e orientador dos intelectuais da época, no Centro Dom Vital.

Entre os escritores mais estudados por Tristão de Athayde no fim do século XIX e que vão adentrando o século XX poderemos respigar e destacar:

1 — **Alcides Maya** é a pessoa que toma consciência da situação do Rio Grande do fim do século e já preestabelece as perspectivas para o novecentos. Assim escreve o ilustre crítico carioca: "Dera-se aí (no Rio Grande) como nos outros meios a aproximação gradativa do sentimento localista, desde o vago americanismo de aparência até o regionalismo espontâneo e original. Veio ter este último no Sr. Alcides Maya o seu melhor representante que desde a sua estréia em 1897 escrevia: 'O cenário da pátria já incompreendido, abandonado, e raros são os tipos genuinamente brasileiros trazidos à luz amortecida de nosso prosaísmo histórico-literário, pelos escritores nacionais...' Veio a dar-nos as páginas dialectais de *Ruínas vivas*, em 1910 e *Tapera*, 1911, ascendendo à concepção de uma estética lididamente nacional, como seria o 'titanismo' do Sr. Carlos Maul e prometendo-nos ainda obra inédita, onde se acentua o regionalismo gaúcho" (Alceu Amoroso Lima, 1966, p. 608-9).

2 — **Roque Callage**: dentro do regionalismo encontra-se a figura de Roque Callage, que mereceu uma crítica bastante acerba de Tristão de Athayde quanto aos contos: "A objetividade transcendente ou subjetividade imanente da grande arte e que se distingue a um tempo da objetividade fotográfica e da subjetividade inerte é ela que absolutamente não encontramos nos contos do Sr. Roque Callage. Revelam boa intenção o que é nada em arte, e certo conhecimento da matéria gauchesca, que lhe permite vaga cor local em alguns desses contos. Em outros contos ainda é pior, pretendendo o autor fazer literatura com os elementos que mal lhe dariam para escrever honesta e laboriosa crônica no boletim de uma Exposição Pecuária... É assim que um de seus contos, 'O intruso', visa nem mais nem menos do que condenar a introdução do zebu no rebanho rio-grandense... E que tal? Não há arte em tudo? Responderá vitorioso o Sr. Roque Callage..." (p. 608).

3 — **Álvaro Moreyra**, figura notável na poesia e na crônica entre o Simbolismo e Modernismo, atrai as atenções do Crítico com algumas linhas densas e oportunas: "O último livro de Álvaro Moreyra é de índole inteiramente diversa, em cada uma das partes em que se divide. A primeira é simples jornalismo superficial, notas e observações à margem de figuras e fatos, pecando em geral pelo mesmo artifício e preciosismo de todas essas figurinhas ocas 'do

outro lado da vida'. Na segunda parte, porém, mudam inteiramente o aspecto e o espírito do livro. Acentua-se o humorismo discreto e fino, que já repontara em um outro fragmento anterior, e desaparece o rebuscamento das primeiras páginas. 'A Sía dos Incansáveis' fragmentos de romance que o autor supõe 'escrito por um louco', reflete uma concepção profundamente cética, mas não desencantada, das coisas. Há ali páginas excelentes, em que as simples ironias sem apoiar, satíricas sem ferir sabem caricaturar a realidade sem desfigurá-la. Brasília por exemplo é talvez a melhor coisa do livro, é realmente uma página admirável de observações exatas e de profunda ironia" (Ibidem, p. 691-2).

4 — **Augusto Meyer** é um nome importante do início do Modernismo que se projeta na poesia, na crônica e na crítica. Como Tristão de Athayde o caracteriza: "na linha, aliás, da maioria dos nossos grandes poetas modernos encontra-se Augusto Meyer" (Tristão de Athayde, 1980, p. 545). Mais adiante, prossegue o crítico: "O Rio Grande revelou-se este ano em um delicioso poeta, o Sr. Augusto Meyer, cujo coração verde continha todo um manancial de poesia autêntica: Espírito vivo, inquieto, sutil, tão fino poeta quanto crítico agudo de idéias, é uma das forças novas rio-grandense dos srs.: Raul Bopp, Pedro Vergara, Paulo Arinos (Moysés Vellinho), Theodomiro Tostes, Carlos Dante de Moraes, Ruy Cirne Lima, João Pinto da Silva, etc. que estão criando também nas coxilhas não apenas um regionalismo pitoresco, mas alguma coisa de mais geral e compreensivo" (Idem, p. 373). Em outras linhas acentua o valor do crítico rio-grandense: "Entre os grandes críticos (modernistas) Antônio Cândido, Temístocles Linhares, Afrânio Coutinho, Augusto Meyer..." (Idem, p. 549).

5 — **Homero Prates**. Em 4 de abril de 1921 Alceu A. Lima escreve um artigo de crítica sob o título "Dois Poetas": "Ao meu ver, porém, não é propriamente, na criação desse mundo maravilhoso que está a maior beleza do poema do Sr. Homero Prates. Onde ele alcança de fato uma verdadeira ressonância, livre da exaustiva e inalterável Perfeição que leva a pregar ao longo de todo o livro, é nas páginas realmente formosas em que faz a apologia do Poeta. Nunca entre nós, depois do romantismo, se elevou tão alto, com tais acentos, de louvor, a condição de Poeta. Nos versos do Sr. Homero Prates ele aparece realmente como aquele deus recria-

dor, e o seu canto atinge a uma nobreza e elevação, tocadas de humanidade, que repercutem em todas as almas sensíveis à beleza" (Ibid, p. 338-41).

6 — **Felippe de Oliveira** surge espontâneo e fúlgido das páginas do Crítico: "a Lanterna verde do Sr. Felippe de Oliveira toda afinada em otimismo criador na alegria dos sentidos, na geometrização da realidade difusa e tão enraizada na corrente de americanismo energético" (Ibid, 1980, p. 373).

7 — **Raul Popp**, muita importância tem o poeta dentro do Modernismo como o crítico destaca: "A obra da primeira geração modernista foi, essencialmente demolidora dessa concepção da primazia do verso, Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Ronald de Carvalho, Cecília Meireles, Raul Bopp, Guilherme de Almeida... todos os constituintes da primeira assembléia poética modernista foram unânimes na reação da poesia contra o verso, do conteúdo contra o continente, do elemento formal contra elemento material...".

Sem verso não há poesia verdadeira e completa. De modo que não é um julgamento de valor, e, apenas de caracterização estética que marca o domínio de um elemento sobre o outro" (Ibid, p. 537).

8 — **Jorge Salis Goulart**, o crítico saúda o jovem poeta com palavras deveras entusiastas: "Impetuosa e estuante romântica é a poesia de Jorge Salis Goulart que nos previne serem os seus versos escritos dos 15 aos 19 anos. Isto explicará talvez todas as demasias e vulgaridades de um romantismo adolescente. É impossível julgar um poeta pelas suas primeiras produções. Desde, o melhor que se pode dizer é que sua inspiração não denota submissões acadêmicas e se expande livremente, cheia de defeitos e vazia de novidades, mas sincera e espontânea. Alma apaixonada e generosa, canta o que toca o coração é mesmo ao ensaiar a poesia impessoal nela deita todo o calor da sua mocidade" (Ibid, p. 241-2).

9 — **Mario Quintana** aparece como o poeta da terceira geração, de 45, "era a recomposição da poesia com o verso e, já agora, de novo, o primado do verso sobre a poesia. Menção especial pela importância de sua obra, mereciam, cada um em separado: Domingos Carvalho da Silva Ramos, que juntamente com Mario Quinta-

na, mostram uma preocupação crescente e renovada com o elemento verso" (Ibid, p. 539).

Encerrada a lista dos poetas vamos aos prosadores, contemplados pela crítica de Tristão de Athayde:

10 – **Érico Veríssimo** tem um lugar de destaque entre os prosadores.

"Na segunda geração modernista podemos acompanhar a forte influência poética em um Otávio de Faria, onde há sempre, um predomínio da vida interior e, por vezes, como nos **Renegados** creio eu expresse abandono da forma em prosa pela poética ou, como em **Érico Veríssimo**, especialmente no **Tempo e o vento**."

Continua Gilberto Mendonça Teles, ao escrever sobre a entrevista concedida por Tristão de Athayde aos alunos da PUC/RJ em 1974: "Temos romancistas de grande categoria que vão ficar, mas menos representativos de uma região, como **Érico Veríssimo**. Eu o considero um romancista extremamente importante do ponto de vista regional, de um ponto de vista que não se preocupa com a originalidade de expressão. Por sua vez, o próprio **Érico Veríssimo** também tem repercussões Universais" (p. 571).

Na **Introdução à literatura brasileira** volta a referir-se a **Érico Veríssimo**: "A novela mais próxima do romance que do conto. Por isso mesmo é que um romancista avesso ao conto, como **Érico Veríssimo**, já nos deu uma novela **Noite** (1954) (p. 545).

11 – **Outros romancistas rio-grandenses** estão presentes na **Crítica de Tristão de Athayde**: "O neomodernismo é uma volta ao realismo e ao naturalismo. Especialmente na prosa nordestina: **Graciliano Ramos**, **Jorge Amado**, **Raquel de Queiroz**... e no Sul: **Dionélio Machado** e **Telmo Vergara**... assistimos a volta à primazia da realidade exterior".

12 – **Paulo Hecker Filho**. **Alceu Amoroso Lima** refere-se à crítica dos anos 60 com muito carinho e amizade: "O humanismo crítico impressionista ou expressionista... nas novas gerações tem continuadores de alto mérito com **Paulo Hecker Fº** ou **Heráclio Sales**..."

Dessa maneira encerramos a caminhada pelos autores rio-grandenses estudados ao longo da trajetória crítica de Tristão de Athayde de 1919 a 1983.

Muito haveria que garimpar em seus artigos nos jornais e revistas, ficamos, porém, nas críticas consignadas em livros.

## 5. CONCLUSÃO

Após essa jornada pelos **Estudos** e pela **Crítica do Mestre Alceu**, no que tange os escritores sul-rio-grandenses, é tempo de encerrar com uma apreciação geral.

É por demais interessante o jogo que o mestre faz com o crítico e com o autor.

Nem a arte é difícil nem fácil a crítica por definição, pois o criador laborioso é sempre um crítico exigente. O autor é o primeiro crítico de si mesmo. E o mau artista é quase sempre aquele em que o criador desdenha do crítico ou se apaga perante ele. Não existem autores e críticos, como há juízes e réus ou acadêmicos e candidatos à Academia. Existem apenas autores que se criticam, ora mais, ora menos, e críticos que criam, muito ou pouco. E tanto não pode haver uma grande arte inconsciente da própria beleza como uma grande crítica apenas consciente da própria verdade. A arte não pode deixar de ser pensada, como crítica não pode deixar de ser sentida. Porque ambas se confundem na mesma unidade fundamental da alma humana, que é o segredo da nossa consciência.

Apesar de crítico, e de vítima, portanto, de todos os gênios em botão, não vejo motivo para essa timidez com que os críticos de hoje se penitenciam das audácias passadas ou sobreviventes. Falar da crítica é falar da própria arte, pois não vejo como distingui-las. E falar da arte é criar um pouco de beleza ou um pouco de emoção, que ainda é beleza.

Tive a condescendência de chamar "crítica expressionista" a certo espírito com que procuro animar e corrigir uma atividade literária por vezes malcompreendida ou mal julgada. Não sei se fiz mal. Parece que sim, mas não sou competente para dizer o que há de vaidade e de ilusão no termo. Quisera esclarecê-lo um pouco mais.

Essa beleza, porém, e essa sensibilidade, que a crítica procura nas obras de arte, "não devem constituir de forma alguma padrões fixos ou normas determinadas". A beleza objetiva ou a sensibilidade perfeita são puras criações abstratas de nossa fantasia, sem ne-

nhuma existência efetiva. A beleza e a sensibilidade só existem no indivíduo, em cada homem de carne e osso, no frio crítico que escreve estas linhas, em ti, leitor que me acompanhas, ou no gênio incompreendido que se ri de nós dois, ali adiante. A beleza e a sensibilidade são, portanto, simples expressões individuais, simples materialização profunda que precede a toda exteriorização de arte e de sentimento. Se a crítica deve procurar, acima, de tudo, a beleza e a sensibilidade, se uma e outra são apenas a "expressão" de uma alma cheia de vida, está entendido que a "crítica expressionista" é aquela que se justifica pela "investigação sincera, nas obras de arte, desses dois elementos de perpetuação e de comunhão estética".

A crítica será o que for o crítico, falível como ele e como ele dependente do carinho, do prazer e da simpatia com que a espiritualizar a sombra fugaz e luminosa de Ariel. A crítica é apenas a passagem da arte por outro espírito criador e, portanto, "uma nova criação". Quanto mais frescor, quanto mais humanidade, quanto mais graça natural houver nesse outro espírito, tanto mais viva e corada será essa formosa adolescente que maliciosamente sorri dos tardos paquidermes.

Porque a crítica não é ensino, nem história, nem ciência; é "bom-gosto e pouco mais". Não acham?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ATHAYDE, Tristão de. *Teorias, crítica e história literária; seleção e apresentação de Gilberto Mendonça Telas*, Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, INLMEC, 1980.
2. LIMA, Alceu Amoroso. *Estudos literários*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1966.
3. MORAES, Carlos Dante de. *Tristão de Athayde e outros estudos*. Porto Alegre, Globo, 1937.